

TEATRO

VINHO TINTO SECO

Antônio Roberto Gerin

(07.11.2005)

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. 764.222

Ao meu eterno amigo Fernando Bohrer,
cuja história de vida me motivou a escrever este grito de liberdade.

Personagens

Pianista

Químico

(Uma mesa e duas cadeiras, uma em frente à outra. À direita, um piano.)

ATO I

QUÍMICO

(Entra, trazendo duas taças de vinho. Coloca-as sobre a mesa, uma em frente à outra, posicionadas junto à sua respectiva cadeira. E o faz de uma forma ao mesmo tempo solene e determinada. Preocupa-se com a simetria dos copos. Depois sai, e logo retorna trazendo uma garrafa de vinho tinto seco. Deposita-a sobre a mesa, entre as taças. Observa a disposição da mesa por uns instantes, depois senta, em atitude de espera. Está inquieto, apreensivo, e ao mesmo tempo feliz.)

PIANISTA

(Entra. Vê o vinho sobre a mesa, surpreende-se.) - Vinho! *(Pega a garrafa de vinho e analisa o rótulo.)* Vinho tinto seco... português! O que é que deu em você?

QUÍMICO

Até parece que não tomamos vinho.

PIANISTA

(Deposita a garrafa sobre a mesa.) - Sim, mas quem costuma comprar vinho sou eu.

QUÍMICO

Senta.

PIANISTA

(Admirado, observa.) - Duas taças! *(Pegando uma das taças.)* A outra é pra quem?

QUÍMICO Pra você.

PIANISTA Pra mim?!

QUÍMICO Pra quem mais?

PIANISTA Nós somos a mesma pessoa. Pra que duas taças?

QUÍMICO Coloca a taça de volta no lugar.

PIANISTA Só depois que você me disser pra quem é.

QUÍMICO Tem mais alguém aqui na sala?

PIANISTA Você está esperando alguém.

QUÍMICO Coloca essa taça, aqui!

PIANISTA *(Pausa. Vacila. Coloca a taça na mesa.)* - Posso saber o motivo da surpresa?

QUÍMICO É uma comemoração. E muito especial.

PIANISTA Pra ter comprado um vinho tão caro, posso imaginar o que vem pela frente.

QUÍMICO Senta.

PIANISTA Eu estou bem em pé.

QUÍMICO Esqueci o abridor. *(Sai e retorna com o abridor.)* Quem de nós vai abrir o vinho? *(Deposita o abridor sobre a mesa.)* Sugiro que seja você.

PIANISTA O que é que nós vamos comemorar?

QUÍMICO Abre o vinho.

PIANISTA Primeiro você vai me dizer o que é que nós estamos comemorando.

QUÍMICO *(Impaciente.)* - Senta.

PIANISTA Eu não quero me sentar.

QUÍMICO Custa!

PIANISTA Diz logo o que você quer? Qual a dificuldade?

QUÍMICO Eu estou esperando você sentar.

PIANISTA Eu não vou me sentar!

QUÍMICO Nós vamos pra Alemanha.

PIANISTA Alemanha!

QUÍMICO Qual a surpresa? Ganhamos a bolsa, vamos fazer doutorado em Stuttgart. Fica na Alemanha.

PIANISTA Eu não quero ir pra Alemanha.

QUÍMICO Já está decidido

PIANISTA Você não pode decidir sozinho.

QUÍMICO Você não está em condições de decidir nada.

PIANISTA Só porque é você que me sustenta?

QUÍMICO Se é assim que você quer pensar, então é.

PIANISTA À merda com o seu dinheiro.

QUÍMICO Abre o vinho.

PIANISTA (*Fazendo menção de sair.*) - Eu vou dormir.

QUÍMICO Vai, pode ir. Eu comemoro sozinho (*Cínico.*) a nossa ida pra Alemanha.

PIANISTA (*Afronta.*) - Eu não quero ser químico!

QUÍMICO Vai continuar sendo esse bosta de pianista que você sempre foi?

PIANISTA E você, o que é? A merda de um professorzinho de química do Instituto Militar de Engenharia. Acha que é muita coisa?

QUÍMICO Pensa comigo. Nós vamos ficar lá só três anos. O que são três anos estudando numa das melhores universidades da Alemanha? (*Aproxima-se.*) A Alemanha é a terra da música.

- PIANISTA Você não vai me convencer.
- QUÍMICO Você sabe qual é a distância entre Stuttgart e Munique? Apenas duzentos quilômetros. Salzburgo? Quatrocentos. Viena? Seiscentos. Teremos os finais de semana pra viajar. Você já imaginou o que você vai poder ouvir de música?
- PIANISTA Eu não quero ouvir, eu quero tocar!
- QUÍMICO Eu estou te oferecendo os melhores lugares pra você respirar música, e é assim que você me trata?
- PIANISTA Para de fingir que não está me ouvindo. Eu sou pianista!
- QUÍMICO *(Com desdém.)* - Pianista... Olha como você não tem ambição nenhuma. Como você se contenta com pouco. Eu estou te oferecendo Salzburgo, Viena, Berlim, e você prefere ficar aqui, no Rio de Janeiro, pra ir todo domingo de manhã ao Municipal ouvir aquelas merdas de concerto. Eu estou te oferecendo a Europa!
- PIANISTA Você vai me levar pra assistir à Filarmônica de Berlim?
- QUÍMICO Lógico! Por que não? *(Aproxima-se.)* Ir pra Alemanha é a grande chance da nossa vida, nós não vamos ter outra oportunidade igual a essa.
- PIANISTA A oportunidade é sua, não minha!
- QUÍMICO Quantos químicos vão fazer doutorado em Stuttgart? Dá pra contar nos dedos. Qualquer químico agarraria essa bolsa com unhas e dentes.
- PIANISTA Você não está ganhando bolsa. Bota isso na sua cabeça. Isso não é bolsa.
- QUÍMICO Seja o que for, o nome não interessa.
- PIANISTA Lógico que interessa! Se não é bolsa, você tem que pagar.
- QUÍMICO Eu sei que nós vamos ter que pagar. Mas não é hora de pensar nisso.
- PIANISTA Quinze anos...! Quinze! Dando aula naquele quartel. Esse é o preço. Você sabe o que é passar quinze anos dentro de um quartel cheio de merdinhas fardadas, tudo igualzinho, falando a mesma coisa o tempo todo? Serão infundáveis quinze anos pra pagar a tal da *(Irônico.)*

bolsa.

- QUÍMICO E você? O que é que você tem pra nos oferecer?
- PIANISTA A música!
- QUÍMICO E o dinheiro?
- PIANISTA Dinheiro não interessa.
- QUÍMICO E vamos viver de quê? (*Pausa.*) Cadê o dinheiro da sua música?
- PIANISTA Eu vou ganhar dinheiro.
- QUÍMICO Quando?
- PIANISTA Eu vou ganhar.
- QUÍMICO Você nunca tocou no Municipal, portanto, você nunca ganhou cachê. Você nunca tocou numa Filarmônica, portanto, você nunca ganhou cachê. Nenhum grande maestro te convidou pra tocar sequer uma temporada. Cadê o cachê da sua música? / (*Pausa.*) Você passou a vida tentando ser o primeiro colocado num concurso de pianistas. Pianista que presta fica em primeiro, não em segundo! / Se você não fosse amigo do porteiro, pra te enfiar escondido lá dentro do Municipal, você não conseguiria assistir aos concertos. Sabe por quê? Porque pra assistir a um concerto tem que pagar. E você não tinha um tostão no bolso pra comprar o ingresso. / E aí? Vai querer me convencer de que nós podemos viver da sua música?
- PIANISTA Eu posso ficar sem dinheiro, mas não vivo sem a minha música!
- QUÍMICO Mas eu quero dinheiro. E não será você quem vai me dar esse dinheiro pra sustentar a nossa família.
- PIANISTA Eu não quero família.
- QUÍMICO Mas eu quero. Eu quero me casar, ter filhos, eu quero ir com eles comer pipoca no parque, ir ao cinema, ter um carro novo, tomar vinho tinto seco com a minha mulher, isso tudo custa muito dinheiro.
- PIANISTA Eu não quero passar a minha vida correndo atrás de dinheiro. Eu quero liberdade pra viver do meu jeito. (*Descontrola-se.*) Eu quero ser eu mesmo. Eu quero ser livre!

- QUÍMICO Livre como seu avô? O boêmio da Lapa? O grande músico, (*Com ironia.*) o eterno amigo de Noel Rosa e Pixinguinha? O crítico de teatro. O articulista. O compositor. (*Sarcástico.*) O que mais que ele foi? Quem é seu avô? Morreu, ninguém mais se lembra. Mas vai perguntar pra mamãe o que ele fez com a família. Deixou sete filhos passando fome enquanto brincava de ser livre. Vovó sustentou os filhos, mamãe era a mais velha, teve que ir à luta desde cedo, enquanto seu avô compunha a próxima música, sonhando em ser um Noel Rosa.
- PIANISTA (*Vai até o piano.*) - Está bem. Eu vou pra Alemanha. Mas eu vou levar o piano.
- QUÍMICO Ficou maluco! Como é que nós vamos levar esse trambolho pra Alemanha?
- PIANISTA Não é trambolho.
- QUÍMICO Eles não pagam transporte de móveis.
- PIANISTA Como é que você sabe?
- QUÍMICO Ninguém leva mobília pra Europa, nós só vamos pra estudar.
- PIANISTA Eu só vou se o piano também for.
- QUÍMICO Você tem noção de quanto custa levar um piano pra Europa?
- PIANISTA Você tem dinheiro pra isso.
- QUÍMICO Que dinheiro?
- PIANISTA Na poupança.
- QUÍMICO Aquilo é pouco, quase nada.
- PIANISTA Eu vi o extrato.
- QUÍMICO E as despesas extras? Quem é que vai pagar?
- PIANISTA (*Irônico.*) - A bolsa paga tudo.
- QUÍMICO Aí é que você se engana.
- PIANISTA Pagam moradia, não pagam? Comida, saúde, transporte, pagam tudo.

Do que mais nós precisamos?

- QUÍMICO Passear. Eu quero conhecer lugares novos. Por que é que eu não posso fazer o que eu quero? / Meu sonho é esquiar nas montanhas! Fazer bonecos de neve. Como nos filmes. / As coisas na Europa são caras. Passagem de trem custa caro. Se a gente não economizar, não vamos nem poder ir aos festivais em Salzburgo. Nós não estamos em condição de gastar dinheiro pra levar essa droga de piano pra Europa. Sem falar no dinheiro pra trazer de volta.
- PIANISTA E ele vai voltar.
- QUÍMICO Maldita a hora em que eu fui comprar esse piano pra você.
- PIANISTA A decisão agora é sua. Eu vou. Com o piano.
- QUÍMICO *(Encara o pianista. Tenta se acalmar.)* - É isso que você quer? Vamos levar o piano. Vamos gastar todas as nossas economias. E aí? O que é que você vai fazer com ele na Europa?
- PIANISTA O que é que se faz com um piano?
- QUÍMICO *(Desafiador.)* - Nós vamos lá pra estudar!
- PIANISTA Você estuda, eu toco.
- QUÍMICO Como, se nós vamos passar o dia todo na universidade? Se à noite nós vamos estudar? E de madrugada, evidente, nós vamos dormir.
- PIANISTA Vamos ver se vai ser assim mesmo.
- QUÍMICO Vai ser assim, porque eu estou dizendo que vai ser assim. E vou logo avisando. Você está proibido de levar teclado de papelão pra universidade.
- PIANISTA E eu vou tocar piano como?
- QUÍMICO Você não vai tocar piano.
- PIANISTA O que é que eu vou fazer na Alemanha então?
- QUÍMICO Nada. É por isso que não vai ter piano na Alemanha, porque não vai mais existir pianista. Nossa vida vai tomar outro rumo. O meu rumo!
- PIANISTA *(Afronta o Químico.)* - Eu vou tocar piano todos os dias. No Brasil

ou na Alemanha. Quer me impedir? Acaba comigo. Me mata! Mata o pianista!

- QUÍMICO *(Pausa. Recua.)* - Você fez tudo o que podia pra ser um pianista. Mas não deu. O seu tempo passou. Nós já temos vinte e cinco anos, não dá mais pra esperar. Você tentou, mas não conseguiu. Cai na real, acabou! O que nos sobrou de concreto? A química.
- PIANISTA Eu não quero ser um H₂O!
- QUÍMICO Eu sei que o sentimento de fracasso assusta.
- PIANISTA Eu não fracassei!
- QUÍMICO O que te resta é tocar piano pros nossos amigos. Pra mim. Eu adoro a sua música. A Gabriela! Ela acha um charme você tocar piano.
- PIANISTA Aquela mulher não tem alma pra entender a minha música. Eu me recuso a tocar piano pra ela! *(Começa a ficar perturbado.)* Eu não posso desistir, eu tenho sonhos, eu não sou um H₂O. Você é um H₂O, você não corre riscos, aceita tudo o que te oferecem. Eu não. Eu vou tocar no Municipal, esse é o meu sonho, eu sei que eu vou conseguir! *(Para a plateia.)* Eu vou tocar pra uma plateia cheia de gente que sonha. Eles têm sonhos! Eles não são iguais a você!
- QUÍMICO Eu não entendo como é que você ainda tem a capacidade de achar que um dia vai tocar no Municipal.
- PIANISTA Eu vou tocar.
- QUÍMICO *(Irônico.)* - Rachmaninoff?
- PIANISTA Rachmaninoff.
- QUÍMICO Olhe pras suas mãos. Seus dedos são curtos! *(Vai até o piano.)* Vem cá. Vamos ver se eles alcançam uma oitava. *(Insiste.)* Vem cá. Toque pra mim. *(Tenta agarrar o Pianista.)* Está fugindo por quê?
- PIANISTA *(Abalado, muda o tom. Pega a garrafa de vinho.)* - Hoje eu podia ser um dos melhores pianistas deste país. No entanto, estou eu aqui prestes a enterrar de vez o meu sonho. Depois de tanta luta, ir pra Alemanha não pode ser a minha única alternativa. Tanto sacrifício pra nada? Entende por que eu não posso desistir? Eu não vou pra Alemanha.

- QUÍMICO Você quer acabar com tudo o que eu consegui até agora, seu idiota.
- PIANISTA Ir pra Alemanha é morrer! (*Silêncio. Deposita a garrafa de vinho sobre a mesa.*) Está aqui o seu vinho português. Pode abrir. Você não tem sonhos. Um H₂O não pode sonhar. (*Pausa.*) Lembra o que a vovó dizia pra mamãe? (*Imita a avó. Altera-se.*) Você tem que controlar esse menino. Ele quer coisa demais. Eu só queria tocar piano.
- QUÍMICO (*Pausa.*) - Você lutou pelos seus sonhos, isso já é uma vitória. Nem todos conseguem, a glória é pra poucos, mas, no fundo, ela é só um detalhe.
- PIANISTA Um detalhe? Você chama a luta de uma vida de... um detalhe? Eu nunca toquei no Municipal. Isso é um detalhe? Eu nunca fui o primeiro colocado num concurso de pianista. Eu não tenho que provar pra ninguém que eu sou bom. Bom não, genial! Tudo o que eu fiz esses anos todos não pode ser apenas um detalhe. Eu vou tocar no Municipal. Nem que seja uma única noite!
- QUÍMICO Você está querendo trocar o certo pelo impossível.
- PIANISTA O Maestro me convidou.
- QUÍMICO Você não vai tocar no Municipal.
- PIANISTA Isso é o que você quer.
- QUÍMICO (*Irrita-se.*) - Não interessa o que eu quero. Interessa o que está aí, à sua frente. A vida é assim. Não adianta você ficar aí, em pé, esperando que algo vá acontecer quando nós sabemos que não vai.
- PIANISTA Ele me disse que vai abrir a temporada com Rachmaninoff.
- QUÍMICO Olhe pra suas mãos. Como é que você vai tocar Rachmaninoff? Só porque o maestro gosta de você? Só porque ele acha seu estilo visceral? Não se toca piano por amizade. Talvez por interesse. Qual o interesse do maestro em te convidar? (*Em tom duro.*) Qual?
- PIANISTA A minha música!
- QUÍMICO Porra, como você é teimoso! Que música? (*Vai até o piano.*) Senta aqui. Toca um arpejo. Vamos! Me prove que você consegue tocar Rachmaninoff. Você mesmo vai ver que o maestro nunca te convidaria. Nem ele, nem ninguém! (*Aponta.*) Senta. (*O Pianista,*

inseguro, não se move.) A abertura da temporada no Municipal será daqui um mês. Já vão imprimir o programa. Será que o seu nome vai estar lá? Você acha que podemos abrir esse vinho pra comemorar o seu nome no programa? *(Aponta a garrafa.)* Abre! *(Silêncio.)* Droga! Todo mundo adora ouvir você tocar. Você tem alma, você traz um charme pra música que é seu. Até parece que eu estou impedindo você de tocar piano. Na Alemanha, terá lugares onde você vai poder tocar. Imagina! Nós tomando vinho tinto seco num restaurante, enquanto lá fora a neve cai, suave, silenciosa, e você tocando Mozart pra mim e pra Gabriela.

- PIANISTA *(Assustado.)* - Gabriela?! O que é que aquela mulher vai na fazer na Alemanha?
- QUÍMICO Ela vai com a gente.
- PIANISTA Eu não quero que ela vá.
- QUÍMICO Já está decidido.
- PIANISTA Quem vai pagar a despesa?
- QUÍMICO *(Impositivo.)* - Esse é um assunto meu.
- PIANISTA *(Falará de Gabriela sempre em tom de ironia.)* - Posso imaginar... O par perfeito.
- QUÍMICO *(Perturbado.)* - Do que é que você está rindo?
- PIANISTA Tomar vinho tinto seco, enquanto lá fora a neve cai, suave, silenciosa...
- QUÍMICO Gabriela é, sim, a mulher perfeita pra nós.
- PIANISTA É bonita.
- QUÍMICO O que é que você está querendo insinuar?
- PIANISTA Eu estou dizendo que a beleza é essencial.
- QUÍMICO *(Irrita-se.)* - E por acaso eu disse que não é?
- PIANISTA Tomar vinho tinto seco, na Alemanha, com uma mulher bonita, é o que se pode desejar.

QUÍMICO A Gabriela adorou a ideia de irmos pra Alemanha.

PIANISTA Já está fazendo as malas.

QUÍMICO Eu não tenho dúvidas! A Gabriela é uma mulher essencialmente bonita. E que poderá muito bem nos satisfazer.

PIANISTA E o resto?

QUÍMICO *(Nervoso e inseguro.)* - Que resto?

PIANISTA O... o resto? O corpo.

QUÍMICO O corpo é perfeito. *(Inseguro.)* Diz que o corpo dela é perfeito.

PIANISTA O corpo é perfeito.

QUÍMICO Com essa voz não, idiota! Você parece que não acredita no corpo perfeito da Gabriela!

PIANISTA Fico só imaginando a mamãe, o que ela vai dizer quando conhecer a Gabriela. *(Irônico.)* A nora perfeita!

QUÍMICO Mamãe sempre soube o que é melhor pra nós.

PIANISTA Os seios.

QUÍMICO O que é que tem os seios?

PIANISTA Calma! Eu só quero dizer que os seios da Gabriela são palpáveis.

QUÍMICO Então...! Do que mais nós precisamos?

PIANISTA Das coxas.

QUÍMICO Como é que elas são?

PIANISTA Quantos graus mesmo... de curvatura?

QUÍMICO Nove horas de academia.

PIANISTA *(Espanto.)* - Por dia?

QUÍMICO Idiota! Quem é que fica nove horas por dia numa academia?

PIANISTA Somando mais oito horas de espelho.

QUÍMICO Como é que você sabe?

PIANISTA Pela maquiagem.

QUÍMICO Se eu não tivesse dito, você nem perceberia a maquiagem.

PIANISTA Uma máscara que não é uma máscara.

QUÍMICO *(Satisfeito.)* - Este é o segredo da Gabriela! Ninguém percebe a máscara!

PIANISTA A bunda.

QUÍMICO A bunda não interessa.

PIANISTA Não é um quesito?

QUÍMICO Não penso nisso.

PIANISTA Pra mim a bunda é um quesito importante.

QUÍMICO *(Agressivo e angustiado.)* - Aonde você está querendo chegar?

PIANISTA Eu quero chegar à essência.

QUÍMICO Que essência, cretino!

PIANISTA Não me ofenda.

QUÍMICO Você é que está ofendendo a dignidade da Gabriela.

PIANISTA Uma bunda perfeita não é suficiente pra tirar a dignidade de uma mulher como a Gabriela.

QUÍMICO Eu sei que não é.

PIANISTA Portanto, podemos concluir, sem nenhum risco, que a bunda da Gabriela é perfeita.

QUÍMICO *(Irrita-se.)* - Mas o que isso interessa?!

PIANISTA *(Exala dor. Um tanto agressivo.)* - Interessa que eu quero chegar à essência. Eu tenho esse direito!

- QUÍMICO *(Acuado, recua.)* - Você está me deixando nervoso com essa conversa idiota. Pense o que você quiser, eu penso diferente. A Gabriela é a mulher que nós precisamos. E ela vai pra Alemanha, quer você queira quer não.
- PIANISTA Há um problema aí. Sério.
- QUÍMICO *(Assustado.)* - Quê?
- PIANISTA Ela aperta meu pinto como se fosse uma pasta de dente.
- QUÍMICO *(Ameaçador.)* - É melhor você calar essa boca...
- PIANISTA Dói!
- QUÍMICO Você nunca reclamou.
- PIANISTA Estou reclamando agora.
- QUÍMICO Só porque nós vamos levá-la pra Alemanha.
- PIANISTA Ela fica nervosa e aperta como se fosse uma pasta de dente!
- QUÍMICO Por que então você geme?
- PIANISTA De dor, caralho!
- QUÍMICO Todo mundo gosta da Gabriela.
- PIANISTA As unhas.
- QUÍMICO Você está proibido de falar das unhas da Gabriela.
- PIANISTA Assassinas!
- QUÍMICO *(Inseguro.)* - Você está aprofundando demais essa questão.
- PIANISTA Abra o zíper.
- QUÍMICO Não tem arranhão nenhum.
- PIANISTA Você está querendo levar aquelas unhas assassinas pra tomar vinho tinto seco na Alemanha.
- QUÍMICO *(Ofendido.)* - Você está chamando a mulher dos nossos sonhos de

- unhas assassinas?
- PIANISTA Sua mulher.
- QUÍMICO (*Desespera-se.*) - Nossa!
- PIANISTA Minha, nunca!
- QUÍMICO (*Extremamente inseguro.*) - Ela é sua também, ela te ama.
- PIANISTA Minha paixão é outra.
- QUÍMICO Como assim, outra... O que é que você está querendo dizer com isso? Você tem outra mulher?
- PIANISTA Não é do sexo feminino.
- QUÍMICO É homem!
- PIANISTA Eu vou abrir o vinho.
- QUÍMICO (*Agarra o Pianista.*) - Você não é gay!
- PIANISTA Amar sem culpa é o que importa! Isso que é vida! (*Pega a garrafa de vinho.*) Vamos comemorar o amor!
- QUÍMICO (*Tomando a garrafa das mãos do Pianista.*) - Idiota! A comemoração é minha. Eu já assinei os papéis. O contrato da bolsa. Não tem mais volta. Nós vamos pra Alemanha.
- PIANISTA Então é isso... Agora eu entendo por que você estava tão nervoso hoje à tarde.
- QUÍMICO Feliz.
- PIANISTA (*Desconcertado.*) - Cadê o contrato? Eu sabia que você ia aprontar alguma coisa! (*Sai. Grita.*) Cadê essa merda de contrato? (*Volta.*) Onde foi que você escondeu?
- QUÍMICO Eu não vou falar.
- PIANISTA Você deixou no trabalho, não foi? (*Parte para cima do Químico.*) Eu te mato, seu desgraçado!
- QUÍMICO (*Controla o pianista, dando-lhe uma chave de braço. Espeta o*

abridor em seu pescoço.) - Calma! Eu não quero furar o seu pescoço. (Força o Pianista a se sentar.) Não tenho intenção nenhuma de te matar. Relaxa. Relaxa! Isso... (Sentado, o Pianista se coloca em atitude de abatimento. O Químico solta o Pianista.) Acho que agora está tudo resolvido. (Massageia os ombros e a cervical do Pianista.) Você está tenso. Abaixa esses ombros. Solta os braços. Isso. (Massageia.) Se você perguntar pra qualquer pessoa que tenha passado dos trinta, você vai ouvir a mesma resposta. Sonhos de juventude. Quem nunca sonhou com o sucesso? Com a fama? Aplausos! Todos nós quisemos um dia ser poeta, pintor... Cientista! Todos nós quisemos mostrar pro mundo as nossas verdades, como se só nós tivéssemos o que dizer. Só que nós não podemos passar a vida inteira querendo salvar a humanidade. Chega uma hora em que temos que pensar em nós mesmos. Cuidar dos nossos interesses!

- PIANISTA *(Levanta-se, súbito.) - E eu? O que é que vai ser de mim? O que é que eu vou fazer da minha vida? (Confronta o Químico.) Por que é que você não acaba comigo de uma vez?*
- QUÍMICO Eu não quero acabar com você.
- PIANISTA Não há solução pra nós dois.
- QUÍMICO Você me interessa, vivo!
- PIANISTA Pra fazer o quê?
- QUÍMICO Muita coisa! Não se preocupe. Eu vou dar um sentido pra essa sua vida. Você vai carregar a minha pasta de livros. O meu guarda-chuva, quando estiver chovendo. Você cozinha muito bem. Eu preciso da sua elegância. Você tem bom gosto. Tem sensibilidade. Conversa muito bem. Você vai me auxiliar nas minhas opiniões sobre a arte. Você entende de vinhos. Você vai poder servir vinho pra Gabriela.
- PIANISTA Praquela H₂O do peito macio? Nunca!
- QUÍMICO Eu vou precisar de você na hora de digitar os meus trabalhos, você tem os dedos ágeis.
- PIANISTA E se eu não quiser?
- QUÍMICO Quem é que te sustenta? Ou você quer acabar na sarjeta, pedindo esmola?

- PIANISTA Prefiro!
- QUÍMICO Mentira. Você tem medo de passar fome. Não pode ficar com fome que fica irritado. (*Lembrando-se.*) Ah! Eu tenho uma coisa importantíssima pra te dizer. Você vai ficar de boca fechada enquanto eu estiver estudando. Caladinho! E eu vou estudar o dia inteiro. (*Cáustico.*) Se você for obediente, vou até deixar você tocar piano. Mas não se empolgue. (*Em tom frio.*) Apenas de vez em quando.
- PIANISTA Claro! Socialmente.
- QUÍMICO Imagina! Nós, sentados no restaurante, aí você se levanta, vai até o piano e começa a dedilhar uma suave e elegante música. Olhares curiosos, cheios de admiração, voltados pra nós. Eis o nosso cartão de visita na sociedade alemã. / Veja a Gabriela. Ela adora ouvir você tocar. É só ver como ela me beija, me abraça, me toca quando está ouvindo a sua música. / E tem mais. Tocando socialmente, você não corre riscos. Você não tem compromisso com a técnica, não precisa se preocupar com a perfeição. Você não correrá risco nenhum se errar uma nota, se sua mão esquerda travar. (*Maldoso.*) Porque ela vai travar.
- PIANISTA (*Perturbado, caminha pela sala.*) - Eu quero fazer uma pergunta.
- QUÍMICO Desde que ela não seja muito objetiva.
- PIANISTA Ela não é objetiva. Aliás, ela é confusa. Eu não saberia nem fazer a pergunta de forma clara, de modo que você possa entender o que eu quero saber. Mas eu vou fazer assim mesmo. Talvez ela não explique tudo o que aconteceu comigo nesses anos todos. Mas pelo menos tente me responder, se não com toda a clareza, ao menos com honestidade. O que foi que eu fiz de errado?
- QUÍMICO Você está sendo objetivo.
- PIANISTA (*Descontrolado.*) - Mas eu preciso saber! O que é que eu fiz de errado esses anos todos? Por que é que eu não estou conseguindo ser um grande pianista?
- QUÍMICO Essa pergunta você tem que fazer pra si mesmo.
- PIANISTA Eu estou perguntando pra você!
- QUÍMICO (*Senta-se. Posiciona cadeira ao lado. Carinhoso.*) - Vem cá, senta

aqui. Vamos conversar.

PIANISTA *(Vacila.)* - O que é que você vai me dizer?

QUÍMICO *(Maternal.)* - Vem cá, senta. Não precisa ficar com medo. *(O Pianista senta.)* Às vezes é difícil a gente encarar a verdade. Aliás, é sempre difícil. Mas já que você quer saber algumas coisas, eu vou dizer. Ser pianista é um sonho inalcançável. É coisa pra gente rica, gente que não precisa trabalhar pra ganhar dinheiro. Que pode comprar o piano que quiser, mandar seu filho estudar nos melhores conservatórios da Europa e depois trazê-lo de volta pro Brasil. E famoso! Seu pai e sua mãe não tinham dinheiro, só o suficiente pra viver. Você tinha que ter tido um piano em casa, desde os cinco anos de idade. Mas não teve!

PIANISTA *(Levanta-se.)* - Mas tinha o piano na casa da vovó!

QUÍMICO *(Em tom de ordem.)* - Senta. *(Vendo que o Pianista vacila.)* Senta, eu ainda não terminei. *(O Pianista senta.)* Eu estou querendo te mostrar que ser pianista é uma fantasia de criança. E você ainda vive nessa fantasia.

PIANISTA *(Levanta-se.)* - Pra você ser químico não é fantasia.

QUÍMICO *(Irritado, levanta-se.)* - Ser químico é uma coisa real. Não quer ser químico? Vai ser engenheiro. Médico! Faz parte da vida, do dia a dia. Todos querem ganhar seu dinheiro decentemente, trabalhar oito horas por dia e sentir orgulho disso. Isso é realidade. O resto é fantasia!

PIANISTA Eu não posso ter passado a minha vida correndo atrás de uma coisa que não existe.

QUÍMICO Não tem nada de errado nisso. Só começa a ficar errado quando você teima em querer ser uma coisa que não é.

PIANISTA Eu sou pianista!

QUÍMICO *(Aponta a cabeça.)* - Você é pianista aqui, na sua cabeça. Gênio começa a tocar piano aos cinco anos.

PIANISTA Eu podia ter começado.

QUÍMICO Sem piano?

- PIANISTA Tinha o piano da vovó!
- QUÍMICO O piano era dela.
- PIANISTA Ela sabia que eu era pianista.
- QUÍMICO Por que então ela não deixava você tocar? (*Em tom de contação de estória.*) Uma criança na casa da vovó. Na casa da vovó tem um piano. Desse tamanho! E a criança, desse tamanhinho. Diante da criancinha aquele majestoso piano, parecendo uma nave espacial, e sentada ao piano, tocando de uma forma magnífica, estava quem?
- PIANISTA Vovó!
- QUÍMICO E assim nasceu na cabecinha da criança a fantasia de ser pianista.
- PIANISTA Eu só queria ficar ali, sentado no chão, o tempo que eu quisesse, quietinho, ouvindo a vovó tocar. Por que é que eu não podia ficar ali sentado?
- QUÍMICO Mamãe não gostava que você fosse pra casa da vovó. Vovó não gostava da mamãe.
- PIANISTA Mas eu gostava de ir na casa da vovó.
- QUÍMICO Mamãe casou grávida. Ou vai ficar fingindo que não sabia?!
- PIANISTA Isso não me interessa.
- QUÍMICO Vovó escondeu papai em Botafogo, na casa do irmão dela, um jurista famoso, com poder. Mas o poder não intimidou mamãe. (*Com admiração.*) Mamãe foi atrás do papai. E vovó teve que engolir o casamento. Mamãe era pobre. Mas de nariz empinado. Tão empinado quanto o nariz da vovó. Você, espertinho, dançou nessa história. (*Exalta-se.*) O piano era da vovó!
- PIANISTA Eu não quero tomar vinho tinto seco na Alemanha com uma H₂O da bunda perfeita!
- QUÍMICO Mas é o que te resta. (*O Pianista vai ao piano e começa a tocar o Tema do Primeiro Movimento do Concerto n. 3, de Rachmaninoff. Para a plateia.*) Senhoras e senhores, prestem atenção. Ele pensa que é pianista.
- PIANISTA Eu sou pianista!

- QUÍMICO Vocês iriam ao Municipal vê-lo tocar?
- PIANISTA Mas eu estou no Municipal. Eu estou tocando a Terceira de Rachmaninoff! Diz pra eles que aqui é o Municipal. *(Grita.)* Diz!
- QUÍMICO *(Para a plateia.)* - Você aí! Responde. Aqui é o Municipal?
- PIANISTA *(Delira, enquanto toca.)* - Quietos! Deixa eles ouvirem a minha música. Eles estão encantados com o meu prodígio.
- QUÍMICO Você nunca foi um menino prodígio.
- PIANISTA Só porque eu não tocava aos cinco anos?
- QUÍMICO Como saber se você era mesmo um menino prodígio se não tocava aos cinco anos?
- PIANISTA Depois que eu acabar de tocar, eles vão me aplaudir. Por dez minutos. Eu serei aplaudido por longos dez minutos! Senhoras e senhores, eu preciso de dez minutos de aplausos.
- QUÍMICO *(O Pianista para de tocar. Silêncio.)* Aplausos? Cadê os aplausos? *(Aplauda. Irônico, para a plateia.)* Eu não estou ouvindo os aplausos. *(Para o Pianista.)* A plateia está silenciosa.
- PIANISTA Eles vão aplaudir.
- QUÍMICO Não vão, idiota!
- PIANISTA *(Recomeça a tocar, freneticamente.)* - Deixa primeiro eu terminar a minha música.
- QUÍMICO *(Põe-se a ouvir atentamente a música. Reage.)* - Volte ao compasso! *(Agitado, mais alto.)* Recomece o arpejo!
- PIANISTA Você está me atrapalhando.
- QUÍMICO *(Agitado, aproxima-se do piano.)* - Volta ao compasso! *(O Pianista tenta sair do piano, o Químico impede.)* Você vai tocar, eu estou mandando. Continua.
- PIANISTA *(Começa a tocar o estudo de Chopin, Opus 25, n. 12.)* - Ouça! Minha arte não tem limite!
- QUÍMICO Isso é Chopin, eu quero ver você tocar Rachmaninoff.

- PIANISTA Você não vai me obrigar a tocar Rachmaninoff!
- QUÍMICO *(Força o Pianista.)* - Eu quero um arpejo do Terceiro de Rachmaninoff.
- PIANISTA *(Para de tocar.)* - Deixa primeiro eu me concentrar. *(Posiciona as mãos.)*
- QUÍMICO Você está inseguro, eu sei que você está inseguro.
- PIANISTA Quieto! Será que você não consegue ficar quieto? Você sempre me deixa nervoso. Por que é que você não confia em mim? *(Silêncio. O Pianista toca um arpejo.)*
- QUÍMICO De novo! *(Grita.)* De novo, droga! Eu quero ouvir você tocar o arpejo de novo! *(O Pianista arpeja.)* A sua mão esquerda. *(Maldoso.)* Ela está chegando atrasada. Ha! Ha! Eu sabia!
- PIANISTA *(Inseguro.)* - Meus dedos estão um pouco adormecidos, só isso. *(Exercita os dedos.)* Só isso... *(Retoma os arpejos.)* Ouça!
- QUÍMICO *(Para a plateia.)* - Senhoras e senhores, prestem atenção na mão esquerda.
- PIANISTA *(Para a plateia.)* - Por favor, não deem ouvidos a ele. Ele quer destruir a minha música, vocês têm que me ajudar! Olhem pra mim. Eu estou no palco. Aqui é o meu lugar! Eu preciso que vocês me aplaudam. Vocês têm que me aplaudir. *(Para de tocar, silêncio. Extremamente abatido.)*
- QUÍMICO Acho que agora nós chegamos a um consenso.
- PIANISTA *(Levanta-se.)* - Se eu depender de você, jamais serei um pianista.
- QUÍMICO O fracasso é seu.
- PIANISTA Você podia ter me ajudado.
- QUÍMICO Quem quis ser pianista foi você.
- PIANISTA Eu só precisava de um piano.
- QUÍMICO Ser pianista exige muita dedicação.
- PIANISTA Você acha que eu devia ter feito mais do que eu fiz?

- QUÍMICO Muito mais.
- PIANISTA Mas eu fiz!
- QUÍMICO Será? *(Silêncio.)* Agora senta e começa a me culpar pelo seu fracasso. É o que você sabe fazer.
- PIANISTA Quem estudava química o dia inteiro? Quem determinava os horários? Você me dava só duas horas de piano por dia, às vezes nem isso, e não quer que eu reclame?
- QUÍMICO Alguém tem que sustentar essa casa.
- PIANISTA *(Para a plateia)* - Ele ligava o rádio, bem alto, só pra me atrapalhar.
- QUÍMICO *(Para a plateia)* - Eu queria escutar outro tipo de música, não podia?
- PIANISTA Você controlava a chave do piano, seu maldito. Você levava a chave pro trabalho, esquecia lá, de propósito. E depois fingia. Ah, meu Deus, como é que eu fui esquecer a chave do piano no trabalho! E corria se enfiar na frente da televisão pra assistir jogo de futebol.
- QUÍMICO Porra, não existe só você no mundo não.
- PIANISTA *(Para a plateia)* - Eu precisei colocar arruelas de chumbo nos dedos, pra reforçar a musculatura, pros meus dedos ficarem mais ágeis, pra eu conseguir tocar Rachmaninoff, mas ele dormia, só pra eu esquecer de tirar as arruelas e acordar no dia seguinte com os dedos inchados. Era terrível ver os meus dedos naquela situação!
- QUÍMICO E por que você não me acordava?
- PIANISTA Como te acordar!
- QUÍMICO *(Para a plateia)* - Ele não conseguia me acordar, e a culpa é minha. Ele não conseguia tocar Rachmaninoff, e a culpa é minha. Sabe o que ele fazia pra poder tocar piano? Saía lá de Niterói, pra vir bater, de porta em porta, nas casas chiques da zona sul do Rio de Janeiro, pedindo o piano emprestado por algumas horas. Quantas vezes bateram a porta na nossa cara, nos humilhavam, e a culpa é minha? Ele levava teclado de papelão pra universidade, pra ficar treinando, escondido, no laboratório, eles riam de nós, lá vai o extrato de tomate, ele nem se dava ao trabalho de escolher o papelão, pegava logo uma caixa de extrato de tomate... Ele me humilhava, na frente de todo mundo, com suas manias esquisitas, e a culpa é minha?

- PIANISTA Agora eu entendo por que você me fazia esquecer o teclado de papelão no ônibus.
- QUÍMICO Eu tinha vergonha de você! (*O Pianista, desnortado, sai.*) Aonde é que você vai? Volta aqui. Eu ainda não acabei de falar.
- PIANISTA (*Pausa. Há certa demora, volta trazendo um pedaço de papelão recém rasgado, traz também algumas canetas coloridas, de ponta grossa. Senta-se à mesa, estende o papelão, enquanto o Químico observa toda a ação, curioso e inquieto.*)
- QUÍMICO O que é que você está querendo fazer?
- PIANISTA Vou desenhar.
- QUÍMICO Não vai me dizer que...
- PIANISTA (*Interrompe o Químico.*) - É isso mesmo que você está pensando.
- QUÍMICO Pra que esse teclado de papelão agora? Você tem o piano.
- PIANISTA Eu não tenho piano.
- QUÍMICO O que é que você vai fazer com isso?
- PIANISTA Vou levar pra Alemanha.
- QUÍMICO Mas não vai mesmo.
- PIANISTA (*Químico tenta pegar o papelão, o Pianista reage de forma violenta.*)
- Fica longe de mim!
- QUÍMICO Você vai ter que passar por cima do meu cadáver.
- PIANISTA Vou desenhar um teclado igual ao que mamãe me desenhou quando eu tinha cinco anos. (*Agressivo.*) Eu era uma criança!
- QUÍMICO Eu também era uma criança de cinco anos.
- PIANISTA Você nunca foi uma criança de cinco anos.
- QUÍMICO Fui, sim! Eu sempre gostei de química. Eu adorava mexer nos temperos da mamãe.

- PIANISTA *(Desenha o primeiro teclado e testa-o, emitindo vários tons, em voz quase inaudível.)* Dó! Dóóoo! Dó. Dóóóoo...
- QUÍMICO *(Agitado, sempre curioso, vigiando o que o Pianista está fazendo.)* - Você sabe como se tempera uma salada de alface?
- PIANISTA *(Acaba de desenhar a segunda tecla. Testando.)* - Rééé...! Ré... Ré! Ré. Réééééééééé! Ré!
- QUÍMICO Eu tinha cinco anos quando eu temperei a minha primeira salada de alface. Você acha pouco?
- PIANISTA *(Terceira tecla. Alonga a duração do som.)* - Miiiiiiiiiii. Mi! Miiiiiiiiiii!
- QUÍMICO *(Dando a receita.)* - Lavar a alface com H²O. Temperar primeiro com citrato de hidrogênio, só uma espremidinha. Depois um dedinho de cloreto de sódio...
- PIANISTA *(Quarta tecla. Testa vários tons. Abaixa o ouvido junto ao teclado, como que para ouvir melhor.)* - Fááá! Fá. Fá! Fá-fááá...
- QUÍMICO *(Aumenta o tom, enquanto o pianista desenha a tecla sol e depois a testa.)* - Despejar uma substância homogênea, no máximo uma colher de chá, de ácidos graxos...
- PIANISTA *(Quinta tecla.)* - Sol! Soooool! *(Melodia.)* Sol-sol-sol-sol-soool! Soool!
- QUÍMICO ...anti-oxidantes, vitaminas, hidrocarbonetos e ceras, sódio, potássio e lipídios! De preferência, extravirgem!
- PIANISTA *(Sexta tecla.)* - Láaaaaaa! *(Sobe o tom.)* Láááaaaaa! *(Sobe o tom)* Láááaaaaa...
- QUÍMICO Piperina. Muita piperina! Ou pouca piperina?
- PIANISTA *(Desenha com cuidado a sétima tecla e testa os tons, tentando encobrir a fala do Químico, que se posiciona às suas costas e põe-se a observar o desenho de um modo desesperado.)* - Siiiiiiiiiiiiiiiiiii! *(Mais alto.)* Siiiiiiiiiiiiiii! Si-si-si-si-si-si!
- QUÍMICO Se preferir, capsaicina. Cuidado! Pouca capsaicina. O elemento químico da capsaicina é muito forte! *(Para e presta atenção no tom do Pianista.)* Esse não é o si bemol.

- PIANISTA É!
- QUÍMICO Você desenhou a tecla errada.
- PIANISTA *(Desespera-se. Levanta-se.)* - Uma criança de cinco anos ainda não sabe o que é um si bemol.
- QUÍMICO Mas uma criança prodígio tem que saber. Pergunta pra vovó.
- PIANISTA Vocês não podiam ter rido de mim! Eu era só uma criança.
- QUÍMICO Você não sabia o que era um si bemol.
- PIANISTA Eu sabia sim! Foi só um erro! *(Pausa. Vai ao piano e começa a tocar o Primeiro Movimento do Concerto n. 3, de Rachmaninoff. O Químico fica parado, ouvindo, perturbado. Depois o Pianista para de tocar e empurra o piano para frente, quase junto à boca de cena.)*
- QUÍMICO *(Receoso, observa o Pianista.)* - O que é que você está fazendo?
- PIANISTA *(Entre a perturbação e a euforia.)* - Senta aí no chão.
- QUÍMICO *(Vacila.)* - Para com isso.
- PIANISTA *(Ainda ajustando o piano, mostra o lugar onde o Químico deve se sentar.)* Ali. Senta ali. *(O Químico resiste.)* Senta aqui! *(Espera o Químico sentar-se no chão.)* Cruza as pernas. Em posição de ioga. Isso! Era assim que eu me sentava pra ouvir vovó tocar. *(Para o Químico.)* Lembra? Eu estou sentado aí, onde você está.
- QUÍMICO Quem está sentado aqui sou eu.
- PIANISTA Vovó tocando, e eu sentado aí, em frente ao piano.
- QUÍMICO E eu?
- PIANISTA Quietos! Não fala nada, só ouve. Quietinho... Solto. Como se estivesse flutuando. *(Confere a expressão facial do Químico. Está excitado.)* Isso. Tem que haver encanto nos olhos. Um brilho intenso. Sempre o mesmo brilho! Aí...! Muito bem! A música me fazia levitar. Me fazia vir até o piano e ocupar cada um dos dedos da vovó. Eu guiava os dedos dela, você entende? Eu percorria o teclado através deles. Como eu estou fazendo agora. Ouça. *(Toca. Pausa longa.)* A música era minha, não dela. Minha! E ela sabia disso.

- QUÍMICO Ótimo. Já entendi tudo.
- PIANISTA Fique aí. Mais um pouco, por favor.
- QUÍMICO Melhor pararmos com isso.
- PIANISTA *(Agressivo.)* - Por que vovó não gostava de mim?
- QUÍMICO Ninguém tocava Rachmaninoff melhor que ela.
- PIANISTA Rachmaninoff é o que eu estou tocando, não percebeu não?
- QUÍMICO Não igual a ela.
- PIANISTA Melhor! Eu toco melhor do que ela. Diz que eu toco melhor do que ela!
- PIANISTA/AVÓ *(Recomeça a tocar.)* - Psiu! Cale a boca, moleque. Não atrapalhe sua avó. *(Pausa.)* Que é que você está fazendo aí, sentado? Vai lá com a sua mãe, vai? Me deixe em paz! *(Pausa, enquanto continua a tocar. Depois, vira-se.)* Não ouviu o que eu disse? Sai!
- QUÍMICO Vovó não era assim.
- PIANISTA Assim como?
- QUÍMICO Má!
- PIANISTA *(Levanta-se.)* - Vovó era má, sim, e eu não gostava dela.
- QUÍMICO Mas eu gostava.
- PIANISTA Você tinha medo dela.
- QUÍMICO Você está nervoso.
- PIANISTA Eu não estou nervoso!
- QUÍMICO *(Levantando-se do chão.)* - Eu só quero que você pare com essa brincadeira idiota.
- PIANISTA Eu ainda não acabei. Você vai me ouvir até o fim. Depois você pode abrir o seu vinho português se você quiser. *(Decidido, aponta.)* Fique ali. Ali! *(Caminha até o local, ao lado do piano.)* Aqui.

- QUÍMICO Você sabe que essa história não me interessa.
- PIANISTA Mas pra mim interessa! (*Decidido, posiciona o Químico ao lado do piano, como se esperasse numa fila.*) Aí mesmo. Aos domingos, antes do almoço, vovó tocava piano para os netos. Fazíamos uma fila de netos ao lado do piano, esperando vovó pegar cada um de nós no colo. Imagina uma fila de primos. Eu era o último da fila. Eu sempre fui o último neto da fila. Na minha frente, todos os primos. Moleques idiotas, era o que eles eram, idiotas! Não sabiam nem a escala musical. (*Senta-se ao piano.*) Vovó sentava ao piano e tocava. Depois pegava cada neto no colo e brincava de tocar o Bife. Lembra do Bife? (*Toca o Bife.*)
- QUÍMICO Eu conheço o Bife.
- PIANISTA/AVÓ (*Avó leva o primeiro neto da fila ao colo.*) - Vem cá, menininho... O que aconteceu com esse narizinho arranhado? Caiu? Deixa a vovó ver. Ah!... Não foi nada. Logo sara. Ainda bem, não é? Vamos lá? O dedinho aqui... Assim... (*Netinho toca uma nota de cada vez, de forma insegura e irregular.*) Estica mais o dedinho. Firme. (*Sons irregulares de notas do Bife.*) Está quase aprendendo... Vamos tentar mais uma vez? Olha a vovó tocando... (*Toca o Bife. Depois o Netinho recomeça.*) O dedinho tem que ficar esticadinho.
- QUÍMICO Eu vou ficar parado aqui por quanto tempo (*Ironiza.*), vovó?
- PIANISTA Você está impaciente.
- QUÍMICO Muito.
- PIANISTA (*Levanta-se.*) - Ótimo! Era assim que eu ficava. Impaciente. Eu queria que chegasse logo a minha vez. Não. Não era só por causa disso que eu ficava nervoso. Era porque eu não queria tocar o Bife. Meu Deus, aquilo era horrível! Os dedinhos dos meus primos afundavam no teclado como se estivessem enfiando os dedos numa geleia. Eu queria que os meus dedos fossem juntos com os dela, tocando a música dela. É isso que você nunca quis entender! Como é que eu dizer pra vovó que eu queria tocar Mozart? Que eu não queria o Bife? Entende por que eu ficava nervoso?
- QUÍMICO Isso tudo o que você está dizendo é muito confuso pra minha cabeça. Eu sou apenas químico.
- PIANISTA Mas agora você vai representar o menino nervoso que não quer tocar o Bife. O menino rejeitado pela avó.

- QUÍMICO Tudo o que nós queremos é ir pra Alemanha. Isso tem que ficar bem claro entre nós. Ouviu?
- PIANISTA *(Posicionando o Químico.)* - Já ouvi.
- QUÍMICO Quinze anos de servidão? E daí? O que são quinze anos trabalhando numa das melhores escolas de engenharia do país?
- PIANISTA Vem mais pra frente.
- QUÍMICO Você ouviu o que eu disse?
- PIANISTA Vamos levar a Gabriela, tudo bem.
- QUÍMICO *(Eufórico, dá um passo adiante.)* - Então você concorda?
- PIANISTA Aí! Nessa posição.
- QUÍMICO Gabriela adorou a ideia de irmos morar em Stuttgart! Você percebeu? Ela está doida pra aprender alemão. Ela tem uma tataravó austríaca, sabia?
- PIANISTA Mexe os dedos. Agora dá um passo adiante.
- QUÍMICO *(Avança.)* - Gabriela adora você. Ela acha um charme você tocar piano. Dá um toque de pura elegância na nossa relação.
- PIANISTA Você tem que ficar nervoso! Está chegando a sua vez. Como é que você vai dizer pra vovó que não quer tocar o Bife? Mexe os dedos, vai! Isso! Mais devagar. Perfeito.
- QUÍMICO Minha vez agora?
- PIANISTA Não. Ainda falta a netinha preferida. Éramos seis. Eu sempre era o último da fila.
- PIANISTA/AVÓ *(O Pianista senta-se ao piano.)* - Vem cá, minha netinha linda. Deixa a vovó ver o vestidinho. Que lindo! Adorou o lacinho? *(Sorri.)* Vovó também achou lindo... Vovó vai tocar uma vez. Presta atenção. *(Toca o Bife.)* Você gostaria de aprender a tocar piano? *(A neta começa a tocar, uma nota de cada vez, com certa habilidade.)* Você leva jeito. Um dia você vai tocar piano que nem a vovó. *(O Químico está impaciente.)* Agora chega. *(Neta continua tocando.)* Você quer mais um pouquinho? *(Vovó espera, mas logo interrompe.)* Pronto. Vovó tem que servir o almoço. Dá um beijinho gostoso aqui. Isso-o-o!

Deixa a vovó ver as suas mãozinhas. Estão limpas, parabéns! Agora vai lá com os seus irmãos... (*Põe a neta no chão, abaixa a tampa do piano, tranca e coloca a chave no bolso. Levanta-se. O último neto permanece em pé, petrificado. Ela se volta para ele, em tom raivoso.*) O que é que você está fazendo aí parado, moleque? Vai lá com a sua mãe! Olhe suas mãos. Sua mãe não ensinou você a lavar as mãos antes do almoço não? Tem mãe pra quê? Vai lá lavar essas mãos sujas. Vai lá, vai! (*Vendo que o neto não se move.*) Não ouviu o que eu disse?

- PIANISTA (*Arremeda a avó.*) - Não ouviu o que eu disse? (*Exaspera-se.*) Por que é que ela me odiava tanto?
- QUÍMICO Você não obedecia.
- PIANISTA Eu só queria ficar perto do piano.
- QUÍMICO Óbvio que sobrava pra mim.
- PIANISTA Você tremia de medo.
- QUÍMICO Eu nunca tive medo da vovó.
- PIANISTA Tinha, sim!
- QUÍMICO Por causa de você.
- PIANISTA Pra se fazer de menino bonzinho, o que é que você fez? Foi ser químico. Covarde!
- QUÍMICO Quando eu resolvi fazer química, vovó tinha morrido fazia tempo.
- PIANISTA (*Irônico.*) - A profissão do futuro, não era isso que ela dizia?
- QUÍMICO Idiota, era a mamãe que dizia isso.
- PIANISTA Lembra como vovó ficou furiosa quando soube que eu tinha montado um grupo de teatro na escola?
- PIANISTA/AVÓ Quem deixou você fazer teatro? Foi sua mãe? Eu sei que foi a sua mãe. Não bastasse a música, agora esse teatro. Isso é coisa de menino de rua. Menino que não gosta de estudar. Deixa a vovó dizer uma coisa pra você. Química é a profissão do futuro. Tua mãe, eu sei que não ensina isso pra você, mas a vovó está dizendo. (*Falsamente carinhosa.*) É porque a vovó gosta muito de você. Olha seus

priminhos. Vão ser químico. Engenheiro. Médico! Coisa que preste!

- QUÍMICO *(Eufórico.)* - Temos só duas semanas pra preparar tudo. É pouco tempo. A Gabriela vai cuidar da mudança. Você não precisa se preocupar com nada. O que nos resta agora é abrir o vinho e comemorar!
- PIANISTA Eu ainda não terminei.
- QUÍMICO *(Ressabiado.)* - Mas o que é que você quer ainda?
- PIANISTA As unhas da Gabriela.
- QUÍMICO *(Avança sobre o Pianista.)* - Não! As unhas não!
- PIANISTA *(Fugindo.)* - Pra mim é uma questão importante.
- QUÍMICO Seu cretino! Deixe a Gabriela em paz!
- PIANISTA *(Mostrando a braguilha.)* - Quer ver?
- QUÍMICO Não é marca de unha.
- PIANISTA Eu olhei no espelho.
- QUÍMICO Você tem mania de se coçar, esqueceu?
- PIANISTA É unha.
- QUÍMICO Me mostre!
- (Os dois, em tom de disputa, se juntam para verificar se há mesmo arranhão no pênis.)*
- PIANISTA Aqui.
- QUÍMICO Onde?
- PIANISTA Aqui, não está vendo não?
- QUÍMICO Isso não é arranhão.
- PIANISTA Olha bem.
- QUÍMICO Pode ser uma veia inflamada.

PIANISTA Que veia, caralho!

QUÍMICO Se fosse a unha da Gabriela, eu teria percebido.

PIANISTA Foi ela.

QUÍMICO *(Agressivo.)* - Não foi!

PIANISTA Olhe bem pra marca. Aqui, perto do saco.

QUÍMICO Onde?

PIANISTA Aqui, ó!

QUÍMICO Não dá pra ver.

PIANISTA Você é que não quer enxergar.

QUÍMICO *(Avança sobre o Pianista.)* - Eu tenho certeza que a Gabriela é uma mulher delicada!

PIANISTA *(Foge.)* - Com aquelas mãos brancas e austríacas?

QUÍMICO Você está me deixando confuso. É uma veiazinha, só isso. O nosso problema não é mais do que uma veiazinha inflamada. O resto é mentira. Nós não vamos desistir da Gabriela. A tataravó dela era austríaca sim. Ela pode provar. Você está criando essa situação constrangedora, de propósito. A vovó tinha razão. Sua cabeça inventa coisa demais, coisa que não existe. Isso é perigoso, me deixa perturbado.

PIANISTA Você está dizendo que o que a vovó fez comigo aos sete anos é coisa da minha cabeça?

QUÍMICO Eu disse pra você não pegar a chave do piano.

PIANISTA Mas eu peguei. E não foi uma vez só não, nem duas. Eu queria tocar piano...! Quando eu sentei no colo da vovó pra tocar piano, eu tinha sete anos.

QUÍMICO Você faz as merdas, e eu me ferro.

PIANISTA Caramba, ela me pegou no colo... Finalmente! Depois de tantos anos esperando. Eu nunca tinha sentado no colo dela antes. *(Excitado.)* Mas naquele dia, ela me levou pra sala, dizendo que queria tocar o

Bife comigo. Ela sentou na banqueta, abriu o piano, com gestos solenes e firmes, e me convidou pra sentar no colo dela. Eu estava radiante! Vovó finalmente estava se dobrando à minha arte.

- QUÍMICO Não foi por falta de aviso, eu sabia que ia dar merda.
- PIANISTA Dá pra você calar a boca e me ouvir! (*Senta-se ao piano.*) Eu me sentei no colo da vovó. Aos sete anos. Pela primeira vez.
- PIANISTA/AVÓ O que é que nós vamos tocar? Senta direito, menino. Cuidado com o meu joelho. Relaxa, vai! Relaxa esse corpo duro. Parece que engoliu um cabo de vassoura. Pra tocar piano tem que ter postura.
- PIANISTA (*Levanta-se.*) - Eu estava mudo, uma pedra. Dizer o quê? Que eu não queria tocar o Bife? Mas eu queria o Bife. Eu tocaria qualquer coisa. Como é que eu não ia saber tocar o Bife aos sete anos? Eu já estudava piano.
- QUÍMICO Num teclado de papelão.
- PIANISTA Eu não tenho vergonha de dizer que eu aprendi a tocar piano num teclado de papelão. (*Para a plateia.*) Senhoras e senhores, eu aprendi a tocar piano num teclado de papelão. (*Volta-se.*) Eu nem precisava dos sons. Eles estavam aqui, dentro de mim.
- PIANISTA/AVÓ (*Senta-se ao piano.*) - O que é que você quer tocar? Mozart? Você sabe tocar Mozart, não sabe? Vovó ouviu você tocar ontem. Vovó achou lindo. Pra uma criança de sete anos, você toca muito bem. Mas vovó quer tocar o Bife com você. Vamos lá, então? A quatro mãos? (*Pausa.*) Não? Você quer tocar sozinho, é isso? (*Raivosa.*) Pegou a chave do piano escondido da vovó, não foi? Hein? Pegou ou não pegou? (*Pausa.*) Não vai falar. (*Levanta-se do piano e dá o lugar para o neto imaginário. Carinhosa.*) Vamos. Vovó quer ouvir você tocar o Bife. Como você está tremendo...! Não precisa ficar nervoso. Vovó sabe que você toca piano muito bem. (*Pausa.*) Você queria esse piano pra você, não queria? (*Pausa.*) Comece. Vovó está ansiosa pra ver você tocar piano. (*Nervoso, o neto começa a tocar o Bife. A avó observa, e de repente faz a tampa do piano se fechar, com violência, sobre as mãos do neto.*)
- QUÍMICO (*Segurando a mão esquerda, extremamente dolorida.*) - Aiii! Cacete! Minha mão esquerda! Inchou! Meus dedos não mexiam. Eu passei um mês com a mão enfaixada. Tudo por causa de um maldito piano! (*Chuta o piano.*) Isso não é vida.

- PIANISTA Eu tocava baixinho, pra ela não ouvir. Mas aquele dia eu me empolguei. Viajei na música! E vovó acordou. Ela descobriu o meu segredo. *(Ri, nervoso.)*
- QUÍMICO Mamãe sabia que a culpa não era minha. Ela chegou pra mim e disse. Filho, você vai ser químico, vai ganhar muito dinheiro. Você até vai poder comprar um piano. Pra você tocar de vez quando. *(O Pianista vai ao piano, dá os primeiros acordes e se põe a chorar.)* Que foi? Você parece que está chorando...?
- PIANISTA *(Continua a tocar, depois a música vai-se tornando lenta e confusa.)*
- Está ouvindo? *(Pausa.)* Vovó não consegue mais tocar piano. Os dedos dela não obedecem.
- QUÍMICO Ela sabia que ia morrer.
- PIANISTA *(Para de tocar, põe-se de pé.)* - Me lembro da última vez que vovó tentou tocar piano. Eu estava na sala com mamãe. Nunca tinha visto mamãe nervosa daquele jeito. Ela havia discutido com vovó, estava exaltada. *(Pausa.)* Aqueles homens trouxeram vovó pra sala, eles sentaram vovó na banqueta. Mas ela não conseguia mais tocar. Era a primeira vez que eu via vovó chorar. *(Solene.)* Finalmente, a velha senhora se rendia, abandonada pela arte. Vovó sempre colocava uma taça de vinho sobre o piano. Bebericava o vinho enquanto tocava. Mas, naquele dia, ela não conseguiu alcançar a taça. *(Desespera-se.)* Ela mandou os homens levarem o piano! Foi pra isso que eles vieram. Pra levar o piano embora! *(Grita.)* O meu piano!
- PIANISTA/AVÓ Por que é que esse menino está gritando?
- PIANISTA *(Volta-se para o Químico.)* - Eu queria o piano pra mim. Por que é que o piano não podia ficar comigo? Ele tinha que ser meu! Maldita! *(Acalma-se.)* Vovó me olhou com um olhar triste, pareceu que ela estava com pena de mim. Depois ela disse. Me levem pro quarto.
- QUÍMICO Foi a melhor coisa que ela fez, ter vendido o piano.
- PIANISTA Aquele piano era meu! *(Vai ao piano, mas desiste de tocar.)*
- QUÍMICO *(Sarcástico.)* - Você achou mesmo que a vovó ia te dar o piano.
- PIANISTA *(Vai até a mesa e pega o abridor. Decidido, ameaçador.)* - Vamos resolver de uma vez por toda a nossa vida. Não é isso que você quer? Vamos lá, então. Abre o vinho. *(O Químico foge.)* O que é que você está esperando?

QUÍMICO *(Afastando-se, assustado.)* - Larga esse abridor.

PIANISTA Vou eu abrir esse vinho.

QUÍMICO Deixa que eu abro.

PIANISTA Você não quer abrir.

QUÍMICO É lógico que eu quero.

PIANISTA Diga a verdade, pelo menos uma vez na vida.

QUÍMICO Por que é que eu comprei o vinho então?

PIANISTA Fui eu que comprei!

QUÍMICO *(Acovardando-se.)* - É você que entende de vinhos...

PIANISTA Você não queria comprar.

QUÍMICO É que eu achei um pouco caro...

PIANISTA Seu bosta! Nem num momento tão especial como esse você tem coragem de gastar o seu maldito dinheiro!

QUÍMICO Mas nós compramos o vinho, não compramos? Isso é que importa. Me dá aqui o abridor, eu abro.

PIANISTA Você está doido pra que eu vá pra cama dormir. Confessa! Você não quer tomar o vinho comigo.

QUÍMICO *(Vacilante.)* - Quero.

PIANISTA Mentira! *(Mostrando a taça.)* E essa outra taça, pra quem é?

QUÍMICO Pra você.

PIANISTA Pra Gabriela!

QUÍMICO Como é que você sabe que eu convidei a Gabriela?

PIANISTA O que mais eu poderia esperar de você? Eu te conheço.

QUÍMICO *(Cínico, quase maldoso.)* - Você podia tocar Mozart pra nós, enquanto degustamos o vinho.

PIANISTA Nunca!

QUÍMICO Se eu fosse você, eu aceitaria o meu convite. Será a última vez que você vai tocar neste piano.

PIANISTA Nós vamos levar o piano pra Alemanha.

QUÍMICO Eu vendi o piano.

PIANISTA Como assim vendeu o piano?

QUÍMICO O dono vem buscar ele amanhã.

PIANISTA Mas o piano é meu!

QUÍMICO Quem comprou esse piano fui eu.

PIANISTA Fui eu que comprei!

QUÍMICO Com o meu dinheiro.

PIANISTA *(Assustado.)* - Você está me tirando o meu piano... Você está parecendo a vovó.

QUÍMICO Acorda, idiota! A vovó ia te dar o piano. Mamãe que não deixou!

PIANISTA *(Surpreso.)* - Mamãe!

QUÍMICO Eu me lembro como se fosse hoje. Mamãe discutindo com papai por causa do piano.

QUÍMICO/MÃE Aquele piano não entra na minha casa.

PIANISTA/PAI Mas a mamãe quer dar o piano pra ele.

QUÍMICO/MÃE Pra me provocar. Sua mãe adora me provocar.

PIANISTA/PAI Ela é avó.

QUÍMICO/MÃE Quem sabe o que é bom pro meu filho sou eu.

PIANISTA/PAI É só um piano.

QUÍMICO/MÃE Eu não quero que ele seja pianista.

- PIANISTA/PAI Mas ninguém está querendo que ele seja pianista.
- QUÍMICO/MÃE Então pra que o piano?
- PIANISTA/PAI Porque o nosso filho é o único da família que sabe tocar alguma coisa.
- QUÍMICO/MÃE Ele pode muito bem ficar sem.
- PIANISTA/PAI Nós vamos aceitar o piano.
- QUÍMICO/MÃE Se aquele maldito piano entrar nessa casa, eu saio.
- PIANISTA/PAI Pelo amor de Deus, mulher, seja razoável, pelo menos uma vez na vida.
- QUÍMICO/MÃE *(Em tom frio.)* - Você escolhe, eu ou o piano.
- PIANISTA/PAI *(Acovardando-se.)* - Pra que tanta tempestade num copo d'água! Você sabe como é que são as crianças. Logo ele vai se cansar.
- QUÍMICO/MÃE Eu sei aonde é que isso vai dar.
- PIANISTA/PAI *(Vendo que a mulher vai sair.)* - Aonde é que você vai?
- QUÍMICO/MÃE Vou lá resolver isso com a sua mãe!
- PIANISTA/PAI *(Interpelando-a.)* - Não, pelo amor de Deus, mamãe não pode ter emoções fortes!
- QUÍMICO/MÃE O máximo que pode acontecer é ela morrer.
- PIANISTA/PAI *(Cede imediatamente.)* - Tudo bem. Mamãe vende o piano e não se fala mais nisso. O que é um piano? Um pedaço de madeira que emite alguns sons. Não é isso que vai trazer a discórdia na família. Vende-se o piano e não se fala mais nisso.
- QUÍMICO Está vendo? Ninguém queria que você fosse pianista. Só você continua insistindo nessa loucura.
- PIANISTA *(Enfrenta o Químico.)* - Ser quem a gente nasceu para ser é loucura? Viver os nossos sonhos é loucura? Ser livre é ser louco?
- QUÍMICO Por que é que você está me olhando desse jeito...?

- PIANISTA *(Com gestos silenciosos, o Pianista vai até a mesa e pega a garrafa de vinho. Ameaça o Químico com a garrafa, mas logo recua.)* - Eu estou deixando você tomar o meu piano. E os meus sonhos? A que ponto eu cheguei?! Acabou. Vou eu tomar conta da minha vida.
- QUÍMICO Larga essa garrafa...
- PIANISTA Está na hora de abrir o vinho.
- QUÍMICO *(Afastando-se em direção ao banheiro.)* - Seja razoável, vamos conversar. Você sabe que eu não tive culpa de nada. Eu só queria te ajudar. Eu entendo que você esteja com raiva. Porra, olha o que você está querendo fazer?! Isso é loucura! *(Sai, enquanto o Pianista o confronta, ainda levando à mão a garrafa de vinho. O Pianista também vai saindo.)* Quem é que vai cuidar de você? Quem é que vai pagar as contas? *(Ouve-se uma garrafa sendo quebrada violentamente contra uma superfície sólida. Gritos do Químico.)* Olha o que você está fazendo, seu idiota! Idioto... *(Longa espera.)*
- PIANISTA *(Entra, tranquilo, trazendo uma garrafa de vinho aberta. Vai colocar o vinho na taça, para, emborca a outra taça. Coloca vinho na sua taça. Deposita a garrafa sobre a mesa. Tira Foco Mesa Leva a taça de vinho até o piano, deposita-a sobre o piano, senta-se, beberica o vinho, exercita as mãos e começa a tocar, de uma forma muito elegante, o Primeiro Movimento do Concerto n. 3, de Sergei Rachmaninoff. Cai o pano.)*

FIM